

GT 7. Cultura Popular/ Tradicional e Periférica

Periferia para além de um lugar: análise do discurso no manifesto do Nós Mulheres da Periferia

Carolina Roberta Peixoto do Nascimento¹

Resumo: Este artigo analisa o discurso do Manifesto do Nós Mulheres da Periferia, a partir da teoria de PÊCHEUX e foca no imaginário da periferia, conforme discutido por D'ANDRE como um espaço de resistência, luta e empoderamento. A metodologia da Análise do Discurso, baseada nos trabalhos de ORLANDI, revela como os discursos são constituídos por formações ideológicas que moldam as identidades e as relações de poder. Os resultados indicam que o texto do Manifesto desafia normas sociais e hierarquias, destacando a mobilização das mulheres negras periféricas, reconfigurando a percepção da periferia como um espaço político e cultural.

Palavras-chave: análise do discurso; mulheres negras; periferia.

Abstract: This article analyzes the speech of the Manifesto of Nós Mulheres da Periferia, based on PÊCHEUX's theory and focuses on the imaginary of the periphery, as discussed by D'ANDRE as a space of resistance, struggle and empowerment. The Discourse Analysis methodology, based on ORLANDI's work, reveals how discourses are constituted by ideological formations that shape identities and power relations. The results indicate that the text of the Manifesto challenges social norms and hierarchies, highlighting the mobilization of peripheral black women, reconfiguring the perception of the periphery as a political and cultural space.

Keywords: discourse analysis; black women; periphery.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar o discurso do Manifesto do Nós Mulheres da Periferia, a partir da teoria de Michel Pêcheux, com um foco específico na identificação de qual é a periferia que o veículo articula suas posições e reivindicações. Criado e autogerido, por sete jornalista negras², oriundas das

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – PPGCOM da Escola Superior de Propaganda E Marketing – ESPM, São Paulo SP, e-mail: carolina.roberta@acad.espm.br O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

² Aline Kátia Melo, da Jova Rural, zona norte de São Paulo; Bianca Pedrina, de Carapicuíba, Grande São Paulo; Jéssica Moreira, de Perus, zona noroeste; Lívia Lima, de Artur Alvim, zona leste; Mayara Penina, de Paraisópolis, zona sul; Regiany Silva, da Cidade Tiradentes, zona leste; e Semayat Oliveira, da Cidade Ademar, zona sul.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

periferias de São Paulo, em 2014, se propõe a produzir comunicação para ouvir e repercutir a história, memória e opinião de suas iguais, visando, assim, contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade plural, antirracista e não patriarcal. A linha editorial adotada em suas reportagens tem uma abordagem atemporal, contextual e aprofundada, destacando a especialidade, vivência e análise de cada fonte. Dessa forma o coletivo utiliza o Manifesto para construir uma narrativa de resistência, identidade e empoderamento. Esta análise examinará as condições de produção do Manifesto, assim como as formações discursivas e as ideológicas que o atravessam, buscando compreender como a periferia é delineada e ressignificada no discurso.

O Manifesto começa destacando a dificuldade de delimitar o conceito de periferia, sublinhando que definir o que constitui periferia é simultaneamente ressaltar uma centralidade. Ao questionar “*qual é o centro e por quê?*”, o coletivo desestabiliza a lógica tradicional de segregação e a exclusão, propondo uma inversão que coloca a periferia em um papel de destaque, segundo Tiaraju Pablo D’Andrea³ “periferia existe! Periferia enquanto condição objetiva concreta, com materialidade e a localização específica no espaço da cidade”. Esta redefinição desafia as hierarquias espaciais e sociais estabelecidas, posicionando a periferia como um local de significância e de resistência. Assim, a periferia emerge como um espaço de contínuo enfrentamento e de luta.

Além de questionar as estruturas espaciais e sociais, o manifesto revela as realidades vividas pelas mulheres negras nas periferias paulistanas, contextualizando suas experiências dentro de um cenário marcado por desigualdades estruturais. A dimensão de gênero no início do texto apresenta uma sociedade que as normas da heteronormatividade, ou seja, a dominação de homens brancos cis e heterossexuais prevalecem, “*nascer e tornar-se mulher é estar inevitavelmente à margem*”. Essa dinâmica tem impactos profundos na forma de viver das mulheres periféricas conforme apontado no estudo Mulheres periféricas:⁴ lutas comuns, frentes diversas “a desvalorização do trabalho de reprodução social gera impactos diretos na vida das

³ D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Notas sobre uma pesquisa engajada na necessidade de reinvenção das periferias. In: D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Reflexões Periféricas – Propostas em movimento para a reinvenção das quebradas. São Paulo: Dandara Editora, p. 31, 2021.

⁴ RAMOS, Nataly; MELO, Sheyla; MACEDO, Shisleni de Oliveira. Mulheres periféricas: lutas comuns, frentes diversas. In: D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Reflexões Periféricas – Propostas em movimento para a reinvenção das quebradas. São Paulo: Dandara Editora, p. 69, 2021.

mulheres, seja na precarização de suas vidas e na das pessoas sob seus cuidados, seja pela sobrecarga de trabalho ao qual são submetidas”.

Esta análise visa explorar como o Nós Mulheres da Periferia constrói identidades coletivas e mobiliza resistências, dando visibilidade às vozes que desafiam as narrativas hegemônicas. O Manifesto não apenas reconfigura a periferia como um espaço de agência, mas também reivindica o protagonismo das mulheres periféricas na luta por igualdade. Também pretende oferecer uma perspectiva crítica aprofundada sobre como os discursos podem ser ferramentas para a transformação social, iluminando a maneira como as mulheres da periferia se posicionam como protagonistas de suas próprias histórias.

2. Sobre a Análise do Discurso

A análise do discurso é uma abordagem metodológica e teórica que visa compreender como os textos produzem significados e como esses significados são entrelaçados com relações de poder, ideologias e identidades sociais. Michel Pêcheux é um dos principais pensadores da vertente discursiva francesa, desenvolveu uma perspectiva que considera os discursos como formados por e por meio de formações discursivas que, por sua vez, são moldadas por formações ideológicas. Para o autor, os discursos não são apenas veículos de comunicação, mas práticas sociais que interpelam os sujeitos, configurando suas identidades e posições no mundo.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2015, p. 13).

A escolha dessa teoria para analisar o Manifesto do Nós Mulheres da Periferia é particularmente pertinente, devido ao enfoque dessa vertente teórica nas relações entre linguagem, poder e sociedade. Oferecendo suportes conceituais para explorar como os discursos são usados para construir e desafiar identidades e as hierarquias sociais, o que é central para entender como o coletivo redefine a periferia e destacar

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades,
Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

as lutas das mulheres periféricas.

[...] a análise de discurso deixa de ser uma questão de reconstrução das variantes homogêneas de uma estrutura de ideologia (ou ideologias) para ser, em vez disso, uma questão de exploração desse jogo de heterogeneidades discursivas móveis que geram eventos específicos às lutas ideológicas do movimento. (GADET; PÉCHEUX, 2014, p. 98)

Um dos principais conceitos da análise é o interdiscurso, que se refere à rede de discursos que permeiam e influenciam qualquer enunciado específico, evidenciando como os textos dialogam entre si, tanto reforçando quanto subvertendo ideologias existentes, segundo Eni Orlandi⁵, “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva”. O Manifesto, em questão, exemplifica essa dinâmica ao questionar a definição de periferia e sua centralidade imposta, desafiando hierarquias espaciais e sociais.

Paralelamente, é também o interdiscurso, a historicidade, que determina aquilo que, da situação, das condições de produção, é relevante para a discursividade. Pelo funcionamento do interdiscurso, suprime-se, por assim dizer, a exterioridade como tal para inscrevê-la no interior da textualidade. Isso faz com que, pensando-se a relação da historicidade (do discurso) e a história (tal como se dá no mundo), é o interdiscurso que especifica, como diz M. Pêcheux (1983), as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória. (ORLANDI, 2015, p. 31)

Para isso, é essencial considerar as condições de produção, as formações discursivas, a interpelação dos sujeitos e as ideologias subjacentes. As condições de produção incluem o contexto de enunciação, os objetivos do coletivo e o público-alvo do texto. As formações discursivas revelam como o discurso é estruturado em torno de temas de resistência, empoderamento e crítica social, ainda de acordo com Orlandi⁶, “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. A partir do sujeito nos permite entender como o manifesto convoca seus leitores a se reconhecerem como parte de uma comunidade. Finalmente, as ideologias subjacentes nos ajudam a identificar os valores e as crenças que sustentam o discurso. A essa altura é necessário compreender o que os autores identificam como sujeito nesse processo, segundo Orlandi:

Tomando em conta a relação da língua com a ideologia, podemos observar

⁵ ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes, p.29, 2015.

⁶ _____ . **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes, p.13, 2015.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

como, através da noção de determinação, o sujeito gramatical cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz. No entanto, nem sempre ele se apresentou com essa sua característica, que é própria ao que chamamos sujeito-de-direito ou sujeito jurídico, que é o da modernidade. Não podemos reduzir pois a questão da subjetividade ao linguístico; fazemos entrar em conta também sua dimensão histórica e psicanalítica. Embora a subjetividade repouse na possibilidade de mecanismos linguísticos específicos, não se pode explicá-la estritamente por eles. (ORLANDI, 2015, p. 48)

No contexto, esta análise busca desvendar as complexas dinâmicas de poder, resistência e identidade presentes no texto. O material é elaborado por um coletivo de mulheres que vivenciam as realidades das periferias urbanas e busca redefinir a periferia não apenas como um espaço geográfico, mas como uma identidade política e social que carrega em si uma história de luta e resistência, sobretudo, a partir da ótica de mulheres negras. Aqui paramos para observar que o que se busca é a valorização e o reconhecimento, de acordo com Nanci Fraser ⁷e entendemos que isso se dá por “subordinação social no sentido de ser privado, de participar como um igual na vida social”. Ainda segunda a autora:

Permitam-me elaborar. Entender o reconhecimento como uma questão de status significa examinar os padrões institucionalizados de valoração cultural em função de seus efeitos sobre a posição relativa dos atores sociais. Se e quando tais padrões constituem os atores como parceiros, capazes de participar como iguais, com os outros membros, na vida social, aí nós podemos falar de reconhecimento recíproco e igualdade de status. Quando, ao contrário, os padrões institucionalizados de valoração cultural constituem alguns atores como inferiores, excluídos, completamente "os outros" ou simplesmente invisíveis, ou seja, como menos do que parceiros integrais na interação social, então nós podemos falar de não reconhecimento e subordinação de status. (FRASER, 2007, p. 108).

Os processos conceituais, da análise do discurso é um campo interdisciplinar que investiga a construção, circulação e interpretação dos discursos em contextos específicos. Esse enfoque crítico visa compreender o conteúdo explícito dos discursos, também as estruturas linguísticas, escolhas vocabulares e estratégias retóricas empregadas por diferentes grupos e indivíduos. O que é central nessa abordagem está a análise das relações de poder, ideologia e práticas discursivas que moldam a produção e disseminação de significados.

A literalidade é uma construção que o analista deve considerar em relação ao processo discursivo com suas condições. Se a ilusão do sentido literal - ou do efeito referencial, que representa a relação imanente entre palavra e coisa, considerando que as "estratégias" retóricas, "manobras" estilísticas

⁷ FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética. In: Revista Lua Nova. São Paulo, p. 107, 2007.

não são constitutivas da representação da realidade determinada pelos sentidos de um discurso - faz o sujeito ter a impressão da transparência, é tarefa do analista de discurso expor o olhar leitor à opacidade do texto, como diz M. Pêcheux (1981), para compreender como essa impressão é produzida e quais seus efeitos. (ORLANDI, 2015, p. 50)

A sua prática envolve uma investigação profunda sobre como as identidades são construídas e representadas por meio da linguagem. Este processo abarca os discursos explícitos e os subtextos, lacunas e silêncios presentes nas interações comunicativas. Ao revelar esses elementos, busca-se elucidar as dinâmicas de poder subjacentes, bem como formas de resistência e contestação discursiva.

Tudo isso, obviamente, implica numa certa percepção da relação entre realidade histórica, materialidade linguística e a existência do sujeito: põe-se em questão a metafísica confortável que considera as classes como objetos pré-construídos e autocentrados, o sujeito como uma unidade ativa de uma consciência intencional e a língua como instrumento de comunicação das ações e expressões desse sujeito. (GADET; PÊCHEUX, 2014, p. 98)

Além de desvendar as dinâmicas de poder, a análise proporciona insights sobre como os discursos influenciam e são influenciados por práticas sociais, políticas e culturais. Ao enfatizar a natureza relativa e contingente dos discursos, essa abordagem oferece uma compreensão profunda das complexidades da comunicação humana, destacando como as ideias e os valores são negociados e transformados ao longo do tempo e do espaço.

O manifesto serve como uma declaração pública que posiciona o veículo em relação às questões sociais, políticas e culturais, expressando claramente seu compromisso com determinados ideais e sua visão sobre o papel do jornalismo e da comunicação na sociedade. Estabelece a identidade editorial do veículo, comunicando sua perspectiva única e diferenciando-o no panorama midiático, criando uma base de confiança e credibilidade.

3. A periferia no discurso do Nós Mulheres da Periferia – uma análise do Manifesto do coletivo

Esta análise revela como o manifesto comunica o posicionamento do veículo e constrói uma identidade coletiva e visa mobilizar seus leitores para a ação. O texto

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

cria efeitos de sentido que reforçam o orgulho, a solidariedade e a mobilização, essenciais para a continuidade da luta das mulheres periféricas. Em suma, a análise do discurso do Manifesto do Nós Mulheres da Periferia nos permite compreender como o discurso atua como uma prática social que configura identidades e relações de poder.

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigo, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1997, p.8)

Compreender as condições de produção é essencial, pois elas moldam o discurso e as relações de poder embutidas nele. Tendo isso como ponto de partida, observo a quem o conteúdo, em questão, é dirigido. O Manifesto dirige-se a um público geral que tem o interesse de conhecer os princípios e objetivos do coletivo. Identificação refere-se ao processo pelo qual os sujeitos se reconhecem e se posicionam dentro de um discurso específico, e pelo qual moldam-se. Essa é mediada pela interpelação, a qual os discursos convocam os indivíduos a ocuparem certos papéis e adotarem determinadas perspectivas, conforme as formações ideológicas subjacentes. Esse processo de identificação não é neutro, ele está imbricado em relações de poder e ideologia, influenciando como os sujeitos se entendem a si mesmos e aos outros no contexto social mais amplo. No texto em questão a resistência é central no discurso, está repleto de expressões que caracterizam a periferia como um espaço de enfrentamento e superação de barreiras. Como por exemplo na frase: “*Periferia é resistência*”. Assim, a identificação é um mecanismo central para a manutenção e transformação das formações discursivas e, conseqüentemente, das estruturas sociais e políticas.

Aqui, cabe tomar uma reflexão do que é periferia, o termo tornou-se usual nas décadas de 1950 e 1960, a partir de um debate econômico, conforme estudos de Tiaraju Pablo D’Andrea⁸ “que versa sobre a relação de países da periferia do capitalismo com as economias centrais”. Essa é a origem mais ampla do conceito, o autor apresenta outra origem. Ainda de acordo com o teórico⁹ “no caso de São Paulo,

⁸ D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para definição dos conceitos de periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. In: Novos Estudos CEBRAP – Dossiê Subjetividades Periféricas, São Paulo, ed.39, p. 20, jan / abr, 2020.

⁹ D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para definição dos conceitos de periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. In: Novos Estudos CEBRAP – Dossiê Subjetividades Periféricas, São Paulo, ed.39, p. 20, jan / abr, 2020.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

intelectuais passaram a denominar periferia um território geográfico cujas principais características eram, pobreza, precariedade e distância em relação ao centro”. No entanto, o significado do termo presente no discurso, aqui analisado, o que interessa, é o do início dos anos 1990.

Tem início então um processo social de ampliação do significado de periferia por meio da tentativa de transformar a realidade da periferia, dando sequência a lutas que já ocorriam. A versão crítica do conceito periferia nascia com o germe da sua própria mutação.

A partir daquele momento, as mudanças nas condições sociais se deram fundamentalmente pelo incentivo à produção cultural, buscando minorar os efeitos da violência e da pobreza. Aos poucos, o significado de periferia passava a englobar também cultura e potência. Os sentidos do conceito se alargavam, incluindo ainda atributos positivados. (D'Andrea, 2020, p.24 - 25)

Outro aspecto importante de destacar no discurso é o empoderamento feminino, materializado no papel das mulheres negras periféricas como protagonistas e agentes de mudança. A centralidade delas na narrativa, destacando suas lutas e conquistas, no manifesto do Nós Mulheres da Periferia, essa afirmação fica evidente na seguinte frase: "*Nós, mulheres da periferia, estamos em todos os espaços*".

Há mais de 30 anos os engajamentos das mulheres nas periferias vêm entendendo a urgência de lutar em muitas frentes ao mesmo tempo. A prática da batalha cotidiana as fez entender a profunda inter-relação entre os múltiplos eixos de opressão e criar grupos que pudessem lidar com o classismo e o racismo do movimento feminista, assim como com o sexismo do movimento negro e da esquerda em geral (González, 2018). (Aput. RAMOS; MELO; MACEDO, 2021, p. 68 – 69)

Ao mesmo tempo, o texto evidencia as ideologias subjacentes, trata-se dos sistemas de crenças, de valores e de ideias que, embora não sejam explicitamente mencionados, influenciam e moldam os discursos e as práticas sociais. Essas ideologias operam de maneira implícita, sustentando e justificando determinadas formas de pensar e agir, sendo fundamentais para a construção de significados dentro do discurso. Em suma, são as forças invisíveis que moldam o entendimento e a percepção da realidade, influenciando a forma como os discursos são produzidos e interpretados. O manifesto evidencia o conceito de interseccionalidade, aborda as múltiplas camadas de opressão enfrentadas de gênero, raça e de classe. Como explica a estudiosa Carla Akotirene¹⁰, o “raciocínio exato sobre interseccionalidade, desinteressada nas diferenças identitárias, mas nas desigualdades impostas pela

¹⁰ AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Editora Jandaíra, p. 50. 2019.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

matriz de opressão”. O que a autora nos explica está exemplificado na passagem "a mulher negra é periférica em qualquer endereço", presente no conteúdo corpus deste artigo.

Existem dois pontos de atenção no trecho em questão do discurso. O primeiro, o sentido de periferia é deslocado da limitação de território. Que para Tiaraju Pablo D’Andrea¹¹ “nesse momento em que a classe passa a ser representada por periferia, o componente racial e o componente urbano da situação de classe ganham relevo”. O segundo ponto é crítica social abrangente às estruturas de poder, que perpetuam a desigualdade socioeconômica, mesmo comparada aos homens negros, mulheres brancas, mas principalmente aos homens brancos. O Manifesto afirma: "*Em uma sociedade pautada pelo padrão da heteronormatividade – onde homens brancos cis e héteros são os detentores do poder*".

O pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisora sexual do trabalho, segundo a qual, na minha tradução: as mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das "mulheres brancas instruídas," chegavam em casa e tinham o dinheiro tomado por "maridos ociosos", bastante ofendidos porque não havia "comida pronta dentro de casa". (AKOTIRENE, 2019, p. 26)

Na análise do discurso, a interpelação do sujeito, a partir da teoria de Pêcheux, se refere ao processo pelo qual os indivíduos são “convocados” a se reconhecerem e se posicionarem dentro de um discurso específico, adotando identidades e papéis sociais particulares. O que implica na não neutralidade dos discursos, que atuam para constituir os sujeitos de determinadas maneiras, envolvendo a internalização de valores, crenças e normas sociais, de modo que passam a se ver e a agir conforme as expectativas e aos padrões estabelecidos pelos discursos dominantes.

O analista do discurso não interpreta; ele trabalha (n)os limites da interpretação. Não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia, e tampouco se espera dele que tenha uma posição neutra, pois, para a AD, não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Logo, esse lugar “fora” do simbólico é inatingível. (SABINO; TFOUNI; MONTE-SERRAT, 2014, p.35)

Assim, podemos compreender a interpelação do sujeito como um mecanismo para a reprodução das relações de poder e a manutenção das estruturas sociais. O texto analisado, crítica de forma central às desigualdades econômicas e sociais "99%

¹¹ D’ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para definição dos conceitos de periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. In: Novos Estudos CEBRAP – Dossiê Subjetividades Periféricas, São Paulo, ed.39. p. 25, jan / abr, 2020.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

da população disputa recursos contra 1% de privilegiados". Ao mesmo tempo em que oferece possibilidades para a resistência e a reconfiguração dessas identidades, ao afirmar "*Periferia é enfrentamento*", o sujeito passa a se ver como um agente ativo nessa luta.

Uma intensa produção artística passou a ser produzida e a circular pela cidade, relevando uma ampla diversidade cultural e, ao mesmo tempo, características comuns dos perfis dos artistas e coletivos protagonistas, tais como a origem étnico-social e os aspectos dos seus locais de moradia. Com isso, a palavra "periferia" passou a ter novo sentido cultural (e político) para além da sua dimensão geográfica. Periferia passou a ser a afirmação de uma identidade forjada por uma condição histórico-social. (ALMEIDA; JESUS, 2021, p. 46)

Paralelo, está a ótica de orgulho e de resistência, no Manifesto a periferia é redefinida como um espaço central e valioso, conforme , Tiaraju Pablo D'Andrea¹² "os bairros periféricos se expressam como espaços contraditórios, nos quais camadas de experiências e vivências se acomodam e se conflitam". Soma-se a ideia de que a luta é coletiva e que a solidariedade dentro e fora das periferias é essencial como podemos ver no trecho "*Nossas vidas importam e cada trajetória é singular*". Promovendo um forte senso de coletividade e solidariedade, que é essencial para a mobilização.

Os efeitos de sentido, segundo a teoria de Pêcheux, são importantes para entender como os discursos moldam a realidade social. Neste contexto as mulheres negras periféricas são chamadas a se reconhecerem como protagonistas, "*Estamos em travessia, em movimento*", e a assumirem um papel central na narrativa de resistência, contrapondo o papel que elas são vistas e suas histórias contadas, até então.

Nós temos poder enquanto consumidores. Podemos exercer esse poder o tempo todo escolhendo não investir tempo, energia ou recursos para apoiar a produção e a disseminação de imagens na mídia que não reflitam valores que melhorem a vida, que debilitem a ética do amor. (HOOKS, 2021, p.133)

Por fim, é importante analisar no discurso os elementos e significados que são excluídos, ocultados ou marginalizados. Olhar para além do que é explicitamente enunciado e considerar o que é silenciado, pois eles revelam as limitações e as

¹² D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Notas sobre uma pesquisa engajada na necessidade de reinvenção das periferias. In: D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Reflexões Periféricas – Propostas em movimento para a reinvenção das quebradas. São Paulo: Dandara Editora, p. 31, 2021.

omissões ideológicas que estruturam o discurso. A partir deste ponto podemos desvelar as dinâmicas de poder subjacentes e compreender a complexidade das práticas discursivas e sociais. O conteúdo em questão menciona aliados, mas não explora profundamente detalhes dessas alianças, limitando-se a falar de periferia de forma plural, mas a partir da ótica de mulheres negras. Embora haja silenciamentos, o Manifesto é poderoso ao criar efeitos de sentido de orgulho, resistência, coletividade e mobilização. O texto valoriza a diversidade das experiências periféricas para além do estigma de território, “*Periferia é muito mais que território. É um ponto de referência*”. Podemos então analisar o discurso dele pela ótica amorosa proposta por bell hooks:

Se eles fizessem seu trabalho informados por uma ética amorosa, considerariam importante pensar criticamente a respeito das imagens que criam. E isso significaria pensar sobre o impacto dessas imagens, sobre as formas como moldam a cultura e influenciam as maneiras como pensamos e agimos em nosso dia a dia. Se desconhecem o terreno amoroso, deveriam contratar consultores que lhes oferecessem os insights necessários. (HOOKS, 2021, p.132)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do Manifesto do Nós Mulheres da Periferia à luz da teoria de Michel Pêcheux revela como o discurso constrói identidades, mobiliza resistências e crítica estruturas de poder. O ponto principal para essa análise foi a compreensão da periferia para além de território, destacando-a como uma identidade política e social. As condições de produção e as formações discursivas demonstram um forte comprometimento com a justiça social e o empoderamento feminino, especialmente das mulheres negras e periféricas. A interpelação do sujeito cria uma coletividade, enquanto as ideologias subjacentes e os efeitos de sentido promovem orgulho, solidariedade e mobilização.

Embora o texto silencie algumas complexidades internas e estratégias específicas, ele ressalta a centralidade das experiências periféricas e redefine a periferia como um espaço de agência e a resistência. O manifesto enfatiza que a periferia não se limita a um local geográfico, mas também uma perspectiva e um ponto de resistência contra as múltiplas opressões impostas pelas estruturas de poder

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

dominantes. Este deslocamento de entendimento contribui para uma reconfiguração das narrativas dominantes, oferecendo um contraponto às histórias únicas e homogêneas que frequentemente invisibilizam as vozes periféricas.

Não poderia deixar de analisar o trecho mais contundente do Manifesto: “*Nós, mulheres da periferia estamos em todos os espaços. Ultrapassamos e destruimos fronteiras. Somos diáspora. Somos ponte em qualquer rio. Estamos em travessia, em movimento*”. Ele destaca a presença e a influência significativa das mulheres da periferia em múltiplos domínios sociais e culturais. Ao afirmar sua onipresença e habilidade em transcender barreiras, as mulheres são apresentadas como agentes de mudança e resiliência. A referência a diáspora, exalta a racialidade dessas mulheres negras e a metáfora da ponte sugere a ocupação física de espaços diversos. Também reflete a capacidade de conectar diferentes realidades e experiências. O conceito de “travessia” e “movimento” denota um constante engajamento em buscar transformação e inclusão, desafiando preconceitos e ampliando a representação da diversidade de vozes e perspectivas. Este posicionamento ressalta, assim, a importância da visibilidade e do reconhecimento das mulheres negras e periféricas.

A análise do discurso nos permite entender como o Manifesto reflete, constrói e transforma a realidade, posicionando as mulheres negras periféricas como protagonistas de suas histórias e lutas. Essa análise ilumina a complexa interação entre linguagem, poder e identidade, demonstrando como discursos podem ser ferramentas de resistência e de transformação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato Souza de; JESUS, Marcello Nascimento de. **Desafios para a cultura de Periferia na cidade de São Paulo**. In: D’ANDREA, Tiaraju Pablo. **Reflexões Periféricas** – Propostas em movimento para a reinvenção das quebradas. São Paulo: Dandara Editora, p. 45 – 65, 2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

D’ANDREA, Tiaraju Pablo. **Contribuições para definição dos conceitos de periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. In: Novos Estudos CEBRAP – Dossiê Subjetividades Periféricas, São Paulo, ed.39. p. 19 – 36, jan / abr, 2020.

_____. Notas sobre uma pesquisa engajada na necessidade de

reinvenção das periferias. In: D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **Reflexões Periféricas – Propostas em movimento para a reinvenção das quebradas**. São Paulo: Dandara Editora, p. 29 – 42, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso**. Ed. 5. São Paulo: Loyola. 1999.

FRASER, Nancy. **Reconhecimento sem ética**. In: Revista Lua Nova. São Paulo, p. 101 – 138, 2007.

GADET, Françoise.; PÊCHEUX, Michel. **A língua Inatingível**. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes, 12 ed., p. 93 – 119, 2014.

GOMES, Maya Rodrigues. **As materialidades e seus discursos**. In: Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v.16, n.46, p. 271 – 290, mai./ago. 2019.

Interdiscurso nas produções seriadas televisivas:
Um exercício demonstrativo. In: Matrizes, São Paulo, v.15, n.1, p.57 – 76, 2021.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

Nós Mulheres das Periferias. **“Manifesto”**. Disponível em:
<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/manifesto/> Acessado em 02 de jun. 2024.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.

RAMOS, Nataly; MELO, Sheyla; MACEDO, Shisleni de Oliveira. **Mulheres periféricas: lutas comuns, frentes diversas**. In: D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **Reflexões Periféricas – Propostas em movimento para a reinvenção das quebradas**. São Paulo: Dandara Editora, p. 67 – 91, 2021.

TFOUNI, Leda Verdiani; MONTE-SERRAT, Dionéia Motta; SABINO, Felipe. **A construção discursiva de uma política do “bem” nas capas da Revista Time**. Domínios de Lingu@gem, Uberlândia, v. 8, n.1, p. 35 – 49, 2014.